

A PRÁTICA DE LEITURA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO ENSINO SUPERIOR

Debora Oliveira Moreira^{*}

Carina Copatti^{**}

Resumo: Este artigo pretende contribuir para o debate sobre a importância da leitura na formação de professores, visto que, é através dessa prática que ocorre a apropriação e a construção de conhecimentos. A falta de hábitos de leitura faz com que muitos acadêmicos que ingressam no ensino superior se deparem com dificuldades ao ler, compreender e interpretar textos científicos solicitados como leitura obrigatória. A leitura é essencial para, além de decodificar palavras, entendê-las e transformá-las em conhecimento. Nesse contexto, fazemos a seguinte indagação: De que maneira a prática da leitura pode contribuir para uma formação docente de qualidade? Partimos da necessidade de dialogar sobre as práticas de leitura entre os acadêmicos e sobre a importância da leitura para ampliar os conhecimentos teóricos fundamentais para a prática da docência. Partimos da premissa de que o conhecimento é construído através de práticas de leitura que ampliam e favorecem as relações dialógicas e reflexivas e também contribuem para com as trocas culturais entre os seres humanos.

Palavras-chave: Leitura. Ensino Superior. Formação de professores.

Introdução

A leitura é uma prática de descoberta que, no ensino superior, apresenta-se como uma necessidade constante e imprescindível para a formação adequada de novos professores. Assim, o objetivo deste artigo é refletir sobre a importância da leitura na formação de professores, visto que a docência exige a construção de conhecimentos de maneira

^{*} Mestra em Educação pela Universidade de Passo Fundo (UPF, 2014); Licenciada em Educação Artística Habilitação em Artes Plásticas pela Universidade de Passo Fundo (UPF, 2005); Especialista em Metodologia do Ensino e da Pesquisa em Arte e Educação. (Faculdades Integradas da Rede de Ensino – UNIVEST – 2007 - Lages / SC). E-mail: deborartes@hotmail.com

^{**} Mestra em Educação pela Universidade de Passo Fundo (UPF, 2014); Graduada em Geografia pela Universidade de Passo Fundo (UPF, 2010); Especialista em Metodologias do Ensino de Geografia (Uniasselvi, 2012). E-mail: c.copatti@hotmail.com. Contato: 54-9943-2333. Professora substituta do curso de Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e professora da rede municipal de ensino do município de Charrua/RS. E-mail: c.copatti@hotmail.com

qualificada, capaz de ampliar e desenvolver diferentes abordagens no processo de ensino-aprendizagem.

Este conhecimento é adquirido principalmente através do hábito da leitura, que requer paciência e dedicação, por ser dotado de complexidade. Essa prática exige também o exercício de concentração e o desenvolvimento da capacidade de reflexão sobre a leitura realizada.

O ingresso à vida acadêmica pressupõe habilidades intelectuais e apresenta inúmeros desafios aos acadêmicos por se tratar de uma nova etapa que se inicia e, principalmente, por ser uma etapa de formação diferenciada, que exige maior conhecimento e pressupõe habilidades na leitura, compreensão e assimilação das ideias contidas nos textos.

Diante dos desafios que surgem na formação em nível superior, o acadêmico em formação depara-se com dificuldades de adaptação à nova fase. Muitos jovens que ingressam no ensino superior demonstram pouca intimidade com os livros e refletem isso na sua vida acadêmica, apresentando dificuldades para interpretar os textos solicitados nas disciplinas.

Inúmeros estudantes não adquiriram o hábito da leitura na infância, seja pela falta de incentivo na escola ou no ambiente familiar. Esse problema pode ter iniciado ainda nas séries iniciais, pelo desinteresse de professores ao incentivo da leitura, pela escassez de materiais adequados à faixa etária dos alunos, pela falta de clareza dos alunos na compreensão da importância do hábito diário da leitura, entre outros.

Vários acadêmicos não leem frequentemente por não terem recebido incentivo familiar durante a infância, fase esta de maior convívio com a família. Dessa forma, percebemos que em famílias onde se manuseiam livros habitualmente, os estudantes conseguem interpretar com maior facilidade os textos acadêmicos, argumentar e discernir sobre diferentes ideias contidas nas leituras. Assim, o nível de aprendizagem vai aumentando conforme a prática da leitura é realizada, pois a leitura permite a ampliação do conhecimento e a maturação da capacidade de compreensão, análise, síntese e posicionamento em relação a diferentes assuntos.

No ensino médio essa prática já deveria estar entre os hábitos dos estudantes brasileiros, entretanto, a grande maioria dos jovens não se sente atraído a ler nem mesmo o material disponibilizado nas aulas. No ensino superior isso se torna um grande problema, pois, se o estudante não adquiriu este hábito, precisará estabelecer o contato com leituras específicas, ou seja, direcionadas ao curso em que está se qualificando.

No ensino superior, o nível de complexidade é bastante acentuado, se comparado às leituras escolares, dessa forma o aluno acadêmico precisa desenvolver a leitura diariamente para que se torne possível compreendê-la.

A falta de habilidade dos estudantes ao realizar leituras acadêmicas interfere na compreensão que os mesmos fazem do texto e dificulta a ação do professor, visto que, inúmeras vezes, durante a aula, ele precisa mediar o processo de esclarecimento de ideias contidas no texto. Assim, ao solicitar leituras acadêmicas específicas da disciplina, o professor coloca o aluno em contato com as produções científicas, sendo este momento, para muitos estudantes, o início de um grande problema, pois, o contato inicial com a leitura acadêmica, muitas vezes, determina sensações angustiantes. Isso se deve às dificuldades em compreender de maneira clara do que trata o texto solicitado, não sentindo-se à vontade para participar de debates e contextualizações referentes à leitura.

Diante do exposto, percebemos a falta de hábitos de leitura entre os acadêmicos na sua formação como professores, ação essa que é essencial ao desenvolvimento intelectual e para a apropriação de práticas dialógicas e reflexivas indispensáveis ao seu trabalho futuro como educadores. Assim, fazemos a seguinte indagação: De que maneira a prática da leitura pode contribuir para uma formação docente de qualidade? Esse questionamento se faz pela necessidade de dialogar sobre a importância de práticas de leitura diárias entre os alunos acadêmicos. Também se justifica pela importância de desenvolver e ampliar conhecimentos teóricos que são a base essencial para a prática da docência.

Para tanto, partimos da premissa de que o conhecimento é construído através de práticas de leitura que ampliam e favorecem as relações dialógicas e reflexivas e também contribuem para com as trocas culturais entre os seres humanos, possibilitando, uma maior apropriação de saberes e a possibilidade de reconstrução do conhecimento ou da construção de novos conhecimentos.

Dessa maneira, procuraremos abordar algumas possíveis contribuições da prática da leitura para a formação de novos professores, comprometidos com a qualidade do processo de ensino-aprendizagem.

1 A contribuição do exercício da leitura no ensino superior para uma educação de qualidade

A aprendizagem através da leitura, conforme mencionamos anteriormente, é um processo que exige dedicação, pois ler é uma prática que requer paciência e disciplina e que deveria estar presente no dia a dia de todos os estudantes, desde as séries iniciais até o final de sua formação, permanecendo no decorrer da sua vida profissional.

A leitura é importante em todas as fases da vida, porém, é mais solicitada nas etapas escolares, tornando-se requisito indispensável no ensino superior. Ela permite ao aluno o contato com a cientificidade do meio acadêmico e facilita a aproximação do educando com as produções científicas desenvolvendo o seu intelecto.

A preocupação em relação à dificuldade de compreensão leitora tem levado muitos professores ao debate sobre as práticas de leitura entre os acadêmicos e estes têm constatado que as leituras geralmente são escassas e realizadas de maneira pouco eficiente. A grande parcela dos estudantes brasileiros tem encontrado dificuldades ao identificar a que ideias o texto está se referindo, ou seja, a que conclusões o autor pretende chegar com o seu texto.

Em relação às disciplinas voltadas à interpretação e produção de textos (língua portuguesa) Hartmann e Santarosa (2009, p. 8) referem que a presença da disciplina em nível superior “é correlata à popularização do acesso à educação superior ocorrido desde os primeiros anos do século XXI, por meio da grande abertura de novas vagas em instituições públicas e privadas”. Sendo que as vagas em nossas faculdades e universidades, até então eram restritas a uma pequena parcela, selecionada, da população. Essa ampliação do ensino superior, por um lado, gerou a democratização do acesso ao conhecimento, mas por outro lado, trouxe inúmeros problemas para a formação qualificada dos profissionais.

A implantação do ensino superior no Brasil se deu inicialmente no século XIX, muito tempo depois de ser criado em outros países da América Latina. A primeira universidade foi criada apenas em 1920, como afirma Oliven (2002, p. 33) referindo-se ao atraso na criação de universidades no Brasil, devido à influência do ideário positivista no grupo de oficiais que proclamou a República, visto que,

como instituição medieval e adaptada às necessidades do Velho Continente, a universidade era considerada pelos líderes políticos da Primeira República (1889-1930), uma instituição ultrapassada e anacrônica para as necessidades do Novo Mundo [...].

Porém, nas últimas décadas houve uma grande expansão do ensino superior no Brasil, estimulado, principalmente, pela demanda de estudantes. Entretanto, esse processo de ampliação gerou espaço para o surgimento de milhares de novas instituições, algumas com a oferta de cursos “enxutos”, caracterizados pelo barateamento e, geralmente, com menor qualidade. Dessa maneira, o ingresso de estudantes sem o devido preparo vem comprometendo a formação qualificada de novos profissionais.

Nesse pressuposto da qualidade deficitária é que indagamos sobre a importância da leitura, em todos os níveis de aprendizagem, mas principalmente no ensino universitário, visto que para promover uma educação de qualidade é imprescindível que tenhamos estudantes capazes de compreender e interpretar leituras de diversos assuntos, para que posteriormente possam dar conta do conhecimento específico do curso de sua formação e desenvolver o processo de ensino-aprendizagem com qualidade e competência.

Entre os problemas citados, questionamos a interpretação e a compreensão da leitura pelo acadêmico, principalmente nos primeiros anos da formação universitária, muitas vezes realizando leituras por obrigação ou não realizando-as. Nesse processo, o acadêmico pode não desenvolver uma leitura significativa pela dificuldade em sistematizar e compreender o texto, não compreendem as ideias expressas e tornando ainda mais complicada a atenção necessária para o desenvolvimento da aprendizagem em sala de aula.

Outro problema bastante preocupante é a dificuldade de desenvolver atividades de escrita, que é típica no ensino superior. Na atualidade tornou-se bastante comum o uso de equipamentos de informática que facilitam bastante as comunicações e o acesso a diferentes informações. Entretanto, essa prática afastou os jovens dos livros, e consequentemente estes não tem desenvolvido a habilidade de leitura e argumentação necessária para redigir textos.

O que ocorre é que o acadêmico lê, mas não interpreta criticamente a leitura que desenvolve. Nesse contexto, existe uma grande necessidade e uma crescente preocupação em superar este problema que não é exclusivo do ensino superior.

Compreendemos que a leitura é a forma pela qual o estudante pode interpretar e reconstruir o conhecimento, com um significado próprio para si, ou seja, de forma que consiga transformar a informação contida no texto em conhecimento interiorizado. É por meio da leitura que pode organizar ideias e selecionar o que realmente é relevante para si naquele momento, considerando que, após a conclusão da leitura, tem condições de sintetizar as principais ideias do texto.

Ler é um processo subjetivo em que o indivíduo, por si só, e de acordo com a sua dedicação, determina o ritmo e a maneira como aprender. O aluno que lê consegue expressar seu conhecimento sobre determinados assuntos ou situações e consegue com maior facilidade utilizar-se dos seus conhecimentos no desenvolvimento de novas leituras e na elaboração das suas argumentações.

Em relação ao processo de interpretação da leitura, Costa¹ comenta que o tempo todo nós somos solicitados a “fazer ‘leituras’ em palavras, em gestos, em olhares, em signos/símbolos”. Estamos em contato diariamente com diferentes leituras e estas sempre nos trazem uma mensagem que de alguma forma nos influencia. Para a autora:

O mundo moderno cada vez mais faz uso das leituras que se interpenetram, influenciam; é necessário, portanto, que a escola “ensine” a ler as / nas múltiplas linguagens. Ao ler/ ver/ ouvir imagens evocadas por várias formas de linguagem, o sujeito-leitor participa, interage, criando-se um espaço simbólico que se recria na interpretação de cada um.

Para que a leitura no ensino universitário seja realizada com maior qualidade, é imprescindível a função do professor como mediador entre o texto e o acadêmico que o lê, isso se deve, pois, muitos textos de cunho científico são bastante difíceis aos olhos dos estudantes que pela primeira vez se deparam com esse tipo de construção textual.

Pressupõe-se que justamente por esses motivos, o professor pode, de acordo com os seus conhecimentos, direcionar o aluno para o enfoque do que é realmente importante no texto. De certa maneira, o educador o está ensinando a fazer a leitura interpretativa e direcionando-o aos objetivos principais abordados pelo autor do texto.

O professor, nesse contexto, torna-se além de mediador do processo de aprendizagem, uma peça fundamental na estruturação de novas maneiras de abordar diferentes assuntos e reconstruí-los por meio da interpretação das leituras. Porém, se o professor não possui também o hábito de ler, este pode tornar-se um mediador incapaz de desenvolver suas tarefas de maneira competente e eficaz.

Ao desenvolver o hábito da leitura, tanto o professor quanto o aluno acadêmico em formação ampliam seus horizontes de conhecimento e assim desenvolvem maiores

¹ COSTA, Lindalva Souza. O hábito de ler: suas implicações para o processo de formação no ensino superior. Disponível em: <<http://www.ie.ufmt.br/semiedu2009/gts/gt14/Poster/LINDALVA%20SOUSA%20DA%20COSTA.pdf>>.

habilidades profissionais para que de fato, sejam capazes de dar conta da complexidade de assuntos e possibilidades de ensino presentes em nível superior.

A prática consciente e crítica da leitura é uma atividade que parece simples, porém, é bastante complexa, visto que, na maioria dos casos, a prática da leitura só entrou na vida do educando no ensino superior, e este precisa, a partir daí, apropriar-se de diferentes habilidades para dar conta de todas as tarefas propostas nas disciplinas acadêmicas. Muito destes alunos não tem consciência da importância das leituras solicitadas pelos professores e precisam ser orientados sobre os objetivos a serem alcançados através do conhecimento de determinados textos, sugeridos ou solicitados por meio de bibliografias eleitas como essenciais para o conhecimento específico de sua formação.

Matos e Santos (2006, p. 62) afirmam que na vida adulta, “[...] as livrarias, as bancas de revistas, as editoras e também a internet passam a ser mais consultadas, mas ainda não o suficiente para que tenhamos uma boa porcentagem de leitores assíduos.” As autoras apontam relatos de falta de assiduidade na leitura, falta de disciplina para ler e, a unanimidade dos leitores consultados ao reconhecer que o leitor “é o observador do mundo sobre o qual projeta o seu olhar que vê apenas os limites que a vista alcança”.

A assiduidade nas leituras é um dos requisitos para a obtenção de êxito no ensino superior, visto que, o tempo das aulas é insuficiente para que ocorra todo o processo de aprendizagem necessário. Este processo é mais positivo quando o aluno adquire a capacidade de dar continuidade, sozinho, aos seus estudos, estabelecendo horários para essa tarefa e para a leitura do material solicitado em aula. É imprescindível também que o acadêmico possa desenvolver a capacidade de selecionar leituras, buscar bibliografias, fazer anotações e que possa redigir seus próprios textos por meio do conhecimento adquirido.

A leitura, para Matos e Santos (2006, p. 62) exige do educando a constante relação com o texto. De acordo com as autoras:

Ler é muito mais que simplesmente decifrar símbolos. É um ato que requer um intercâmbio constante entre texto e leitor e envolve um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto – quer seja ele verbal ou não-verbal – a partir dos objetivos do leitor, do seu conhecimento sobre o assunto, de tudo o que sabe sobre a linguagem. No entanto, grande parte das instituições de ensino confere à leitura o estatuto de um ato enfadonho e sem grande significação.

O ato de ler proporciona ao acadêmico a aproximação não somente com o próprio texto, mas também com os escritores que oferecem uma bagagem bastante significativa de

conhecimento e ideias, proporcionando ao leitor a possibilidade de crítica e posicionamento sobre a leitura, elaborando, assim, a capacidade discursiva e reflexiva.

As diferentes leituras das quais nos apropriamos constituem uma forma de pesquisa, visto que, a base essencial da pesquisa se dá através da leitura, da compreensão e da interpretação de textos. Tratando-se da leitura podemos listar inúmeras maneiras de promover essa prática entre os estudantes visando a melhoria das aulas universitárias. Assim, ao mediar o processo de internalização do conhecimento por meio da leitura, o professor dá condições ao acadêmico de reconstruir os saberes e adequadamente “encaixá-los” em seus conhecimentos pré-definidos.

No trabalho didático desenvolvido pelo professor universitário o ato de propor leituras e escrita possibilita ao aluno transpor para o papel suas ideias e suas opiniões. Ao posicioná-los sobre diferentes assuntos, o profissional age na intenção de formar leitores críticos e reflexivos, a partir de sua capacidade de argumentação, tornando-se capaz de atuar criticamente na sociedade e de construir o seu próprio ser.

O professor nesse processo atua como “ponte” entre o educando e o conhecimento, estimulando essa aproximação através de fontes bibliográficas diversas. Dessa maneira, pode proporcionar-lhe a possibilidade de construir conceitos, internalizar conhecimentos e expressar suas ideias, atitudes imprescindíveis para o êxito em sua formação e na sua prática.

O profissional educador é, em sala de aula universitária, como mencionamos anteriormente, um mediador entre o conhecimento e o aluno, e através do seu trabalho contribui fazendo a sistematização ou a simplificação do conhecimento que o educando precisa adquirir. Portanto, o professor, na sua prática constante de aperfeiçoamento e reflexão, torna-se essencial no desenvolvimento intelectual do aluno em formação a nível superior por instigá-lo a seguir o rumo do conhecimento e formar-se para uma atuação competente e de qualidade.

2 O professor universitário no Ensino Superior: contribuições para a formação do professor reflexivo

No aporte da prática da leitura, importante se faz contemplar a figura do professor universitário atuante e comprometido com a qualidade da educação no ensino superior. Ao abordarmos a relevância da leitura, também é imprescindível analisar a importância do

professor autônomo, que por meio do seu trabalho didático consegue ampliar os conhecimentos dos seus alunos de maneira qualificada e construída adequadamente.

O professor comprometido com a qualidade da educação está em constante renovação e sente a necessidade de buscar novas possibilidades para tornar o seu trabalho mais eficaz. Para tanto, está continuamente em busca de respostas às suas inquietações, formando-se e “reformando-se” continuamente.

Perrenoud (2002, p. 12), nesse sentido, afirma que

a formação, inicial e contínua, embora não seja o único vetor de uma profissionalização progressiva do ofício de professor, continua sendo um dos propulsores que permitem elevar o nível de competência dos profissionais.

A reflexão da práxis é o diferencial do professor comprometido, pois, através da crítica sobre a sua própria ação como educador torna-se mais ciente das suas possibilidades e das possíveis carências no seu trabalho. Nesse contexto, Perrenoud (2002, p.13) defende que “a autonomia e a responsabilidade de um profissional dependem de uma grande capacidade de refletir em e sobre a sua ação”. Estas são características intrínsecas ao exercício da reflexão na profissão docente e que deveriam ser consideradas por todos os docentes no seu trabalho. O autor defende ainda que a prática reflexiva pressupõe uma postura, que é como uma identidade, “*um habitus*”. Considera, portanto, que, em tese, o profissional sabe o que fazer e como fazer. Porém, na prática, nem todos estão à altura dessa exigência e dessa confiança.

O autor cita o paradigma do profissional reflexivo desenvolvido por Shön, visando combater a ilusão de que a ciência ofereceria a base de conhecimentos suficientes para uma ação racional, mostrando que a ciência não dá conta sozinha da complexidade que é o trabalho do educador reflexivo. Assim, é necessário formar profissionais reflexivos de maneira qualificada no ensino superior, atuando na prática e não apenas abordar teoricamente os assuntos que se julgam mais apropriados.

Há, entretanto, outros autores que criticam a visão de Shön. Como afirma Ghedin (2005, 131), é inegável a contribuição do autor para uma nova visão da formação, porém, coloca a questão de que o conhecimento, sendo relacionado à prática, não pode exclusivamente ser situado na prática. Defende, assim, a epistemologia da práxis. Para ele, com o esgotamento do repertório teórico e dos instrumentos construídos, o profissional não sabe lidar com a situação.

Em relação ao conhecimento, Ghedin (2005, p. 132) afirma que esta é uma relação que se estabelece entre a prática e nossas interpretações da mesma, dizendo que a isso é que

chamamos de teoria. Para que, de fato ocorra a reflexão sobre a prática é necessário um constante questionamento, que inclui, segundo ele, intervenções e mudanças. O trabalho do professor em sala de aula universitária exige esse comprometimento qualificado com a educação, aliando a prática e a teoria numa ação mediada por aspectos adequados à expansão e à construção do conhecimento no meio acadêmico.

Assim, a formação acadêmica de professores exige que estes exerçam práticas de leitura, de análise e compreensão de textos. Porém, sem o empenho do professor universitário essas atividades podem não ocorrer de maneira adequada, comprometendo a formação inicial destes profissionais. Dessa forma, Perrenoud (2002, p. 17) questiona se a formação inicial de professores deve deixar nas mãos da experiência e da formação contínua a preocupação de formar profissionais reflexivos e o próprio autor comenta que a formação de bons principiantes deve dar conta de fazê-los evoluir, de aprender refletindo sobre o que gostariam de fazer, sobre o que realmente foi feito e sobre os resultados.

Em relação à prática reflexiva, Ghedin (2005, p. 133) comenta que somente a reflexão não é suficiente, torna-se necessário operar uma mudança da epistemologia da prática para a epistemologia da práxis, que é o processo simultâneo de ação-reflexão, trazendo a inseparabilidade entre teoria e prática.

Para que de fato seja possível formar professores reflexivos sobre a sua práxis é extremamente importante promover uma prática dialógica, que envolva os acadêmicos e os conscientize sobre a formação profissional. Para isso, os professores precisam muito mais do que informar os seus alunos da importância da leitura e dos hábitos de pesquisa, é de extrema importância atentá-los para o conhecimento aprofundado sobre as teorias científicas que envolvem a formação acadêmica.

Os acadêmicos, desde o início da sua formação, devem habituar-se ao exercício da reflexão e dedicar-se continuamente, demonstrando inquietude constante, no intuito de formar-se qualificadamente para a profissão.

Para que o profissional iniciante se torne um professor reflexivo é necessário conhecimento adequado e experiência prática. Nesse contexto, Ghedin (2005, p. 137) expõe a dúvida em relação ao que são os processos reflexivos e se estes são capazes de conscientizar os indivíduos. Assim, esboça:

O que está em dúvida é se os processos reflexivos, por suas próprias qualidades, se dirigem a consciência e realização dos ideais de emancipação, igualdade ou justiça; ou se poderiam estar a serviço da justificação de outras normas e princípios vigentes em nossa sociedade, como a meritocracia, o individualismo, a tecnocracia e o controle social.

É extremamente importante conscientizar os educandos em nível superior sobre os princípios que nortearão a sua atuação e de que o ensino superior é somente uma fase transitória, sendo que a situação de acadêmicos logo se transformará em prática docente e deverão praticar todo o conhecimento acumulado durante a formação inicial, desenvolvendo a epistemologia da práxis. Dessa forma, “trocar posições” é a forma de introduzir o aluno à condição de professor, e essa troca requer conhecimento, habilidades cognitivas, sensibilidade ao alterar os papéis e colocar-se adequadamente na sua nova função. Essa nova experiência favorece a tomada de consciência da importância do trabalho docente como mediador do processo de aprendizagem.

Necessário se torna aliar a formação continuada, a prática da pesquisa e o hábito constante da leitura ao processo de ação reflexiva. Como complementa Ghedin (2005, P. 140), é um processo de passagem da “epistemologia da prática docente à prática da epistemologia crítica”, diretamente relacionada com a qualidade do trabalho desenvolvido pelos profissionais.

A formação de cidadãos autônomos é a grande proposta estabelecida em lei, tanto em nível básico quanto em nível superior de ensino, no entanto, essa não é uma tarefa simples, e exige reflexão crítica dos profissionais que atuam na formação. Dessa forma, a prática da leitura, quando bem desenvolvida, torna-se o aporte às mudanças.

O hábito de ler está intimamente ligado com a pesquisa e com a resolução de questionamentos e problemas, tanto entre educadores quanto entre educandos, porém, em níveis distintos. Ao ler, ao compreender e interpretar um texto, o indivíduo está desenvolvendo algum tipo de pesquisa, com vistas à internalização de um conhecimento novo.

Um professor reflexivo, segundo Perrenoud (2002, p. 43) “não para de refletir a partir do momento em que consegue sobreviver na sala de aula, no momento em que consegue entender melhor sua tarefa e em que sua angústia diminui”. Mas, segundo ele, continua progredindo mesmo quando não passa por situações de crise ou por dificuldades. Assim, a capacidade de reflexão torna-se parte da sua identidade.

Porém, no meio acadêmico, a formação profissional não é sinônimo de orientação reflexiva, sendo que a prática reflexiva, para ser internalizada pelo profissional, depende de

outros fatores próprios do indivíduo, dentre os aspectos essenciais, ele deve ser um pesquisador, intelectualmente desenvolvido para a prática reflexiva.

Em sua prática diária, o professor precisa ter consciência dos requisitos indispensáveis ao seu trabalho e à adequada formação dos acadêmicos como professores. No decorrer da sua prática o professor pode tornar-se alienado em relação às reais ações que devem ser realizadas e as ideias que deveriam ser combatidas, para que o processo de ensino-aprendizagem transcorra de maneira eficaz e que possa realmente estabelecer a epistemologia da práxis.

Portanto, para formar profissionais eticamente capacitados e eficazmente comprometidos faz-se necessário auxiliá-los na construção de si como profissionais reflexivos sobre a práxis e habituados ao exercício da pesquisa e da leitura.

Conclusão

No processo educativo de nível superior, a leitura é parte extremamente importante para o êxito da formação profissional. O hábito de ler é essencial no processo de formação de professores, visto que é por meio dela que se tem contato com o conhecimento e assim, pode-se internalizá-lo de maneira mais fácil.

A prática da leitura precisa ser constante e acompanhar o educador durante toda a sua vida profissional. Ao ler frequentemente, conseguimos interpretar o mundo, ampliar conhecimentos, recriá-los ou adaptá-los às nossas necessidades.

Entretanto, como abordamos no presente artigo, a prática da leitura não é constante entre os acadêmicos, sendo que muitos dos estudantes que ingressam ao ensino superior têm dificuldades de compreender e interpretar textos solicitados nas aulas, dificultando a própria aprendizagem e a prática do professor que, diante deste quadro precisa introduzir o aluno à prática da leitura e situá-lo nesta nova realidade.

Nesse contexto, salientamos que o processo de internalização do conhecimento apresenta mais dificuldades entre os acadêmicos não leitores, que demonstram dificuldades em atividades de compreensão e interpretação textual no ensino superior, o que demanda disposição para aprender.

No caso da leitura, ela deve ser encarada, mais do que uma atividade solicitada em uma determinada disciplina, mas como uma tarefa frequente, com a finalidade de diminuir as dificuldades iniciais da compreensão de textos acadêmicos, pois, a falta de compreensão

textual dificulta a aprendizagem destes alunos e também a sua prática como profissionais no futuro.

Assim, para formar professores reflexivos é necessário a formação para a epistemologia da práxis, considerando a importância da ação reflexiva na tentativa de transformar a prática docente. Nesse sentido, há a necessidade de comprometimento com a aprendizagem e atenção às condições que devem ser criadas para a formação de profissionais atuantes, que tenham intrínseco à sua prática o desejo pela pesquisa e pelo constante aprimoramento.

Portanto, não podemos nos desviar do objetivo do ensino superior, que é a formação profissional de qualidade, baseada nos pressupostos de conhecimento, habilidade e comprometimento com a profissão.

Referências

COSTA, Lindalva Souza. **O hábito de ler**: suas implicações para o processo de formação no ensino superior. Disponível em: <http://www.ie.ufmt.br/semiedu2009/gts/gt14/Poster/LINDALVA%20SOUSA%20DA%20COSTA.pdf>. Acesso em: 29 out. 2012.

GHEDIN, Evandro. Professor reflexivo: da alienação da técnica à autonomia da crítica. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (orgs.). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2005. P. 129-150.

HARTMANN, Schirley Horácio de Gois. SANTAROSA, Sebastião Donizete. **Práticas de leitura para o letramento no ensino superior**. Curitiba: Ibplex, 2009.

MATOS, Maria Afonsina Ferreira. SANTOS, Nayara Rute da Paixão Santos. Do prazer ao saber: memórias de leitura da comunidade acadêmica. In: TURCHI, Maria Zaira. SILVA, Vera Maria Tietzmann (org). **Leitor formado, leitor em formação**: a leitura literária em questão. São Paulo: Cultura Acadêmica: Assis, SP: ANEP, 2006.

OLIVEN, Arabela Campos. Histórico da educação superior no Brasil. In: SOARES, Maria Susana Arrosa. (coord.) **Educação Superior no Brasil**. UNESCO, 2002.

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício de professor**: profissionalização e razão pedagógica. Tradução de Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.